

## **Manifestações feministas no virtual e no urbano: da marcha de rua aos blogs coletivos no “8 de março”<sup>1</sup>**

Lais MODELLI<sup>2</sup>

Mauro de Souza VENTURA<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, SP

### **Resumo**

Neste artigo, investigamos a ligação entre conteúdos postados em blogs feministas e as manifestações de rua do movimento de mulheres no Brasil. O evento escolhido é o 8 de março, Dia Internacional da Mulher, por sua força simbólica na América Latina e por ser a primeira grande manifestação do calendário feminista no país. Quanto as manifestações virtuais, foram escolhidos dois blogs coletivos feministas, Blogueiras Negras e Blogueiras Feministas, e um blog de movimento social feminista, o Marcha Mundial das Mulheres. Com base nos estudos de Recuero (2009) e Castells (2013) sobre redes sociais na internet, concluímos que há forte relação entre o espaço virtual dos blogs e o espaço público da manifestação urbana e que as bandeiras feministas brasileiras abrangem diferentes concepções do que é ser mulher no Brasil.

**Palavras-chave:** Internet, redes sociais, blogs, manifestações, feminismo.

### **Introdução**

O surgimento das redes sociais na internet possibilitou construir um novo espaço de discussão, debate e organização social. Movimentos sociais anteriores às redes sociais virtuais veem nelas a possibilidade de se articularem, ao mesmo tempo em que novos movimentos se formam na internet; pessoas, que antes não pertenciam a nenhum movimento, veem na internet a possibilidade de expandirem sua rede de comunicação e se unirem a demais personagens sociais, seja para criarem novos movimentos, seja para gerarem conteúdos que mais lhe interessem; grupos historicamente marginalizados, como os raciais e os de gênero, se encontram na rede virtual e veem nela a possibilidade de se articular, a fim de reivindicar suas pautas que por tanto tempo foram ignoradas pela mídia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT Comunicação, Espaço e Cidadania do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, evento da INTERCOM – Rio de Janeiro, RJ.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Comunicação Midiática da FAAC-UNESP, email: l.modelli@ig.com.br.

<sup>3</sup> Professor doutor e coordenador do PPG Comunicação Midiática da FAAC-UNESP, email: mauroventura@faac.unesp.br

(CASTELLS, 2013). Tudo isso tem sido possibilitado porque, mais que um novo espaço de discussão, as redes sociais na internet “são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder” (CASTELLS, p.7, 2013)

O fluxo de informação contínuo das redes sociais faz com que tanto notícia de grandes portais, como texto de blogs independentes se misturem no mesmo espaço. Relatos pessoais e geração de novos conteúdos, feitos por pessoas que antes eram somente consumidoras da mídia (JENKINS, 2008), servem tanto para pautar demais usuários da rede como pautar a mídia tradicional. Cada vez mais aparecem novos blogs e demais perfis de redes sociais na rede:

Em 2006, havia três milhões de blogs em atividade no mundo, embora algumas estimativas jogassem quantidade para cem milhões. Só nos Estados Unidos, imaginava-se que ao menos duzentos novos blogs são criados todos os dias. Embora muitos sejam páginas pessoais, destinadas a relatos do autor sobre si mesmo e seu universo cotidiano imediato, outros dedicam-se ao tratamento de temas de relevância pública, misturando suas fronteiras com o jornalismo (MARTINO, 2014, p.169)

Blogs com conteúdo feminista, com autoras mulheres, se despontam cada vez mais no Brasil. A exemplo de outros movimentos sociais historicamente marginalizados, o movimento feminista tem usado blogs e demais redes sociais para promover a discussão sobre a condição da mulher na sociedade para mulheres, entre mulheres e por mulheres. Muitos blogs feministas são considerados fontes seguras de conteúdo e informação para adolescentes e mulheres no país. Exemplos não faltam: Escreva Lola Escreva, Think Olga, Blogueiras Feministas, Blogueiras Negras, Lugar de Mulher etc. Blogueiras feministas tem saído do anonimato e sido convidadas a palestrar em eventos sociais e universitários; algumas assinarem colunas em meios de comunicação consolidados.

Manifestações feministas na internet também mobilizam demais mulheres para se manifestarem nas ruas. Segundo Castells (2013) sobre a “Primavera Árabe” de 2011, as mulheres do Oriente Médio tiveram grande participação nos protestos graças às articulações que promoveram entre os espaços virtuais e urbanos: na internet, organizavam e encorajavam mulheres a comparecerem nas manifestações; das ruas, transmitiam vídeos de abusos e mortes cometidos contra as manifestantes mulheres.

As mulheres tiveram papel importantíssimo na revolução[egípcia]. Os vlogs (quatro no total) que Asman Mahfouz postou no Facebook em janeiro e fevereiro de 2011 tiveram influência na deflagração do movimento e foram significativos em termos de conteúdo e estilo (CASTELLS, 2013, p.60)

No Brasil, pautas relacionadas a questões de gênero, que até tempos atrás não ganhavam espaço na grande mídia, como o debate sobre a legalização do aborto ou a denúncia dos altos índices de violência doméstica contra brasileiras, têm aparecido nos noticiários. Tais temas também têm pautado grandes eventos nacionais, como foi o caso das eleições presidenciais de 2014, em que dois candidatos se posicionaram a favor da legalização do aborto, Luciana Genro e Eduardo Jorge. Com a aprovação da Lei nº 11.340 em 2006, conhecida pelo nome da mulher que motivou a criação do documento, a brasileira Maria da Penha, discussões em torno da condição da mulher no país ganham força no âmbito do Congresso. Em 2015, a criação de uma nova lei voltada para questões de gênero, a Lei nº 13.104/15, Lei do Feminicídio, representou outro episódio importante na história de luta nacional das mulheres para pautar a mídia. Independentemente de quais serão os efeitos dessa lei, ainda puramente punitiva, cunhar de “feminicídio” assassinatos de mulheres que foram cometidos pelo fato das vítimas serem mulheres parece ser um passo a mais a fim de promover discussões sobre a atual condição da mulher no Brasil.

A partir dessas discussões, este artigo propõe debate sobre como o feminismo e suas bandeiras tem sido percebido por mulheres e pela sociedade em geral que faz uso das redes virtuais. Uma maior reprodução de discursos feministas têm conseguido diminuir a reprodução de discursos patriarcalistas e machistas da sociedade brasileira? Para tanto, propomos um estudo dos conteúdos de dois blogs feministas, o blog da Marcha Mundial das Mulheres e o Blogueiras Negras, que convocaram nas redes mulheres do estado de São Paulo a marcharem durante o Dia Internacional da Mulher, 8 de março. Ao olhar para a marcha de rua articulada com as práticas comunicacionais dos blogs apontados, buscamos responder se existe relação direta entre os conteúdos postados na internet no período que antecedeu o evento e as bandeiras levantadas nas ruas.

### **Questões femininas na era da internet**

Para Ginzburg, a história que está sendo escrita na era do Google não é uma história livre de problemas antigos, apesar do seu potencial de assim o ser. “Alguém já escreveu que a internet é um instrumento democrático. Tomada ao pé da letra, essa afirmação é falsa. Eu gostaria de corrigi-la acrescentando: a internet é instrumento potencialmente democrático” (2010, p.43). Logo, a modernidade e suas inovações não solucionou os problemas sociais históricos. “A modernidade, não se deve esquecer, produz diferença, exclusão e marginalização. Afastando a possibilidade de emancipação, as instituições modernas ao mesmo tempo criam mecanismos de supressão, e não de realização, do eu” (GIDDENS, 2002, p.13). Ainda é cedo para afirmar se a internet está ampliando as diferenças sociais ou empoderando vozes marginalizadas, mas sabemos que “A continua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social” (CASTELLS, 2013, p.11)

No que diz respeito às questões de gênero na internet, diversos tipos de violência contra mulheres também são reproduzidos na internet. Um estudo de 2014 da Pew Research Center, Online Harassment, revelou que 40% dos seus entrevistados já experimentaram algum tipo de violência na internet, mas que são dentre as usuárias mulheres que aparecem os tipos mais severos de intimidação. Do grupo de mulheres entrevistadas, na faixa etária de 18 a 24 anos, 26% afirmaram já terem sido perseguidas on-line e 25% já foram alvo de assédio sexual na internet.

Por outro lado, como foi apontado anteriormente, blogs feministas surgidos em 2010 a 2012 já se consolidaram na rede virtual. Os próprios movimentos sociais feministas se fortalecem e se revigoram com o uso das redes sociais virtuais, como é o caso da histórica Marcha Mundial das Mulheres, presente no Brasil e em vários outros países, e da recente Marcha das Vadias, nascida no Canadá e atuante em vários outros países, como o Brasil.

A questão do acesso dos elementos femininos ao meio digital tem sido uma das prioridades de actores políticos globais como a UNESCO, que consideram que se trata de uma ferramenta crucial para o empoderamento das mulheres. No que concerne à representação mediática, são apontadas algumas alternativas, sendo que as ferramentas de auto-edição, como é o caso dos blogues, surgem como uma proposta. Estes são apresentados como um meio com um potencial inovador e de interactividade, que permite que homens e mulheres apresentem e modelem as suas identidades no ciberespaço (CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS, 2009, p.114-115)

Mais que organizam as mulheres em movimentos sociais, blogs feministas também auxiliam no empoderamento das mulheres de mais uma maneira: capacitando-as, fazendo-as conhecedoras da história de outras mulheres na sociedade e transformando-as em sujeito das suas próprias histórias. É um empoderamento por meio da linguagem, já que, “No caso das mulheres, os media convencionais continuam a silenciar, secundarizar e excluir as suas vozes. Porém, estas podem usá-los numa tentativa de se expressar enquanto grupo e de conseguir ganhar visibilidade no espaço público” (CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS, 2009, p.113).

Como teorizou Castells (2013), se a era digital tem o poder de ampliar o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, a história compartilhada de diferentes mulheres sobre diferentes problemáticas de gênero em blogs tem o poder de impulsionar a experiência feminista tanto no campo individual como no coletivo.

### **A escolha dos sujeitos e dos espaços**

A análise de blogs, e não outra rede social da internet, se deu por dois motivos. O primeiro é o fato de os leitores não precisarem ter conta em outra rede social para poder interagir com o conteúdo dos blogs (diferente do Twitter ou do Facebook, por exemplo); leitores de blogs não precisam pedir “amizade” para ter acesso a todo o conteúdo da página; conteúdo de blogs, assim como de sites e portais, aparecerem nas buscas do Google e outros mecanismos de buscas on-line, o que não acontece com os conteúdos que foram postados em redes sociais fechadas, que requerem que seus usuários tenham uma conta de acesso. O segundo motivo é a possibilidade que os espaços de “comentários” presentes em blogs têm de criar conversações espontâneas e desorganizadas entre diferentes atores da rede. Para Garcêz, em casos que envolvem grupos de lutas por reconhecimento, “a conversação seria como um embrião das discussões políticas”, já que tais conversas “podem gerar conflitos, debates e aceitação de novas ideias, promovendo novos esquemas interpretativos, removendo convicções e alterando comportamentos” (2011, p. 239). Blogs feministas são espaços de lutas por reconhecimento e geram, frequentemente, conflitos e debates, podendo resultar ou não em aceitação de novas ideias.

Blogs são ferramentas on-line focadas diretamente na linguagem, capazes de manter sempre uma audiência em torno deles por causa da possibilidade de se conectarem com outras redes sociais e sites por meio de uma rede de links (RECUERO, 2009). Assim, não é preciso saber, necessariamente, o nome do blog ou o endereço da página para acessar o seu conteúdo, pois a navegação por textos relacionados a qualquer conteúdo postado no blog ou a busca das palavras-chave podem nos levar o internauta até o blog. E a capacidade de se conectar virtualmente com uma grande rede, tecida pelas buscas do próprio leitor, tem uma relevância social na vida moderna, já que “mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude” (GIDDENS, 2002, p.36).

### **- 8 de março**

Durante as manifestações da “Primavera Árabe”, o dia 8 de março de 2011 foi usado pelas manifestantes mulheres expressarem, em uma manifestação na Praça Tahrir, sua insatisfação com o governo egípcio (Castells, 2013). No Brasil, a Lei do Feminicídio, mencionada na Introdução, foi anunciada em discurso pela presidente Dilma Rousseff, em rede nacional, no domingo do dia 8 de março de 2015. Esses dois eventos mostram como tem havido um movimento para lembrar a sociedade de que a data, o Dia Internacional da Mulher, não é meramente festiva, mas uma lembrança de que a situação de desigualdade e desrespeito contra mulheres ainda persiste.

O motivo que originou a data do 8 de março ainda é desconhecido de muitas pessoas. Segundo Blay, “vê-se erroneamente afirmado no Brasil e em alguns países da América Latina que Clara teria proposto o 8 de Março para lembrar operárias mortas num incêndio em Nova Iorque em 1857” (2001, p.602), com uma referência a militante feminista alemã, Clara Zetkin, que propôs a criação da data da internacional. Ao contrário do que muitos acreditam, o dia internacional da mulher proposta por Clara e outras feministas da época remete a ações de trabalhadoras europeias e americanas de fábricas têxteis, sindicalizadas, que reivindicavam melhores condições de trabalho e igualdade salarial desde o início do século XIX; eram operárias que promoviam enormes greves gerais, algumas na companhia dos trabalhadores homens, algumas não, já que os homens não aceitavam que a pauta de diferença salarial entre os gêneros fosse discutida nas greves gerais, para não abafar as

outras pautas (BLAY, 2001). Uma das greves mais expressivas organizada pelas trabalhadoras mulheres ocorreu no dia 8 de março, na Rússia.

Em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro no Calendário Juliano), trabalhadoras russas do setor de tecelagem entraram em greve e pediram apoio aos metalúrgicos. Para Trotski esta teria sido uma greve espontânea, não organizada, e teria sido o primeiro momento da Revolução de Outubro. (BLAY, 2001, p.605)

A noção latina de que o 8 de março veio de um acidente que matou centenas de mulheres em Nova York é errôneo: a data foi marcada não pela morte de trabalhadoras, mas pela luta organizada delas. Nas décadas seguintes ao ano de 1917, o dia 8 de março foi escolhido para marcar outros eventos voltados às mulheres.

Nos últimos anos, a data tem se mostrado importante para o calendário feminista brasileiro, principalmente para os blogs coletivos de mulheres, que promovem conteúdos especiais sobre questões de gênero e marchas de rua durante a semana do 8 de março. São quase 100 anos de existência do Dia Internacional da Mulher desde quando a data foi proposta, 1917, até 2015. Giddens explica a importância do resgate histórico para as relações sociais atuais:

Na alta modernidade, a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre as identidades do eu, se torna cada vez mais comum. A mídia impressa e eletrônica obviamente desempenha um papel central. A experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência da escrita, tem influenciado tanto a auto-identidade quanto a organização das relações sociais (GIDDENS, 2002, p.12)

Resgatar a importância do 8 de março por meio das ações de blogs e uma tentativa de canalizar para aqueles que leem os blogs a experiência feminista a qual a data remete, a luta de mulheres organizadas e cientes da sua condição de exploração pelo capital; é dizer que a data não remete a um episódio de passividade da mulher na história, mas de um episódio em que mulheres foram protagonistas das suas histórias. No 8 de março, mulheres de todo Brasil assumem a sua própria mediação.

## **Os procedimentos metodológicos da pesquisa**

Como teoria de base, se fez uso dos estudos de Redes Sociais na Internet. Olhar para o problema de pesquisa sob a metáfora da sociedade organizada em redes, nos permite:

estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais; suas dinâmicas, tais como a criação de capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo, a diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos (RECUERO, 2009, p.21)

Por meio de um estudo com elementos empíricos, o corpus desta pesquisa está constituído pelas postagens nos blogs coletivos feministas *Blogueiras Feministas*, hospedado em <http://blogueirasfeministas.com/>, surgido em 2010 e que reúne mulheres feministas de todo o Brasil para compartilharem suas experiências e opiniões sobre questões de gênero em forma de textos; *Blogueiras Negras*, hospedado em <http://blogueirasnegras.org/>, surgido em 2010, que reúne postagens de mulheres negras feministas de todo o país; blog do coletivo internacional *Marcha Mundial das Mulheres*, hospedado em <http://marchamulheres.wordpress.com/>, surgido em 2000 e mantido no Brasil pelas mulheres que fazem parte da organização; e pelo conteúdo do evento de rua Ato 8 de Março, que aconteceu em São Paulo capital e foi organizado pela *Marcha Mundial das Mulheres* em parceria com outros coletivos feministas paulistanos. A finalidade de se ir aos campos rua e blogs, ou como especifica Castells (2013), espaço simbólico e virtual, especificamente, é a de comparar quais foram os conteúdos publicados nos blogs e os conteúdos manifestados na marcha de rua, além de estabelecer se há uma relação direta entre os blogs e a marcha de rua.

Como procedimento metodológico, ocorreram duas idas a campo seguidas de coletas de dados: uma ida aos blogs mencionados e uma ida ao Ato 8 de março, na Avenida Paulista, São Paulo. Com base nos estudos de Castells (2013) sobre movimentos sociais na era da internet, se trata, pois, de uma ida ao campo digital e outra ida ao campo urbano. Para o sociólogo, o sucesso desses movimentos está na capacidade de seus atores conseguirem estabelecer um diálogo entre os espaços público e virtual, para que se estabeleça um terceiro espaço: “esse novo espaço público, espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, e um espaço de comunicação autônoma”. (CASTELLS, 2013, p.16)



O período de coleta de conteúdos postados nos blogs coletivos se deu de 24 de fevereiro, data posterior ao Carnaval 2015, pois foi concluído que a data poderia impulsionar as autoras para postagens relacionadas a problemas ligados ao contexto do Carnaval especificamente; ao dia 8 de março, data da marcha de rua realizada em São Paulo.

A forma de coleta e registro da marcha de rua Ato 8 de março se deu por meio de ida a campo com inserção do pesquisador na manifestação, observando todos os eventos: desde a concentração da marcha, em frente ao prédio da TV Gazeta, ao show que encerrou a manifestação, realizado em carro de som em frente a Praça Roosevelt. É preciso salientar que, foi observado que em uma marcha grande e diversa como a registrada no Ato 8 de março, é importante que o pesquisador em campo caminhe por todos os pontos da marcha, a fim de retratar todo o conteúdo apresentado na manifestação. A marcha se deu por blocos temáticos e, se caso o pesquisador tivesse ficado dentro do bloco das ‘mulheres negras’, por exemplo, não teria conseguido retratar os cartazes e dizeres das ‘mulheres ambulantes’, que estavam em outro bloco. Fotos realizadas pela própria pesquisadora, anotação de músicas e gritos durante a marcha e coleta de jornais e panfletos entregues na manifestação fizeram parte dessa coleta de dados no campo simbólico.

Como forma de análise dos dados coletados nos dois ambientes, foram criadas onze categorias com palavras-chave que remetam à luta das mulheres no Brasil e duas categorias que remetam ao contexto político comentado no período de março de 2015. São as categorias de análise sobre o feminismo: 8 de março; Legalização do Aborto; Violência contra mulher nas universidades; Discriminação Racial; Estupro/Violência sexual; Violência doméstica; Mulher e trabalho; Reflexões sobre a luta feminista. Categorias sobre o contexto político brasileiro: Reforma política; Crise hídrica. Os posts coletados foram colocados em cada categoria, de acordo com o tema central do texto.

## **Resultados**

A primeira ida a campo aconteceu de 24 de fevereiro a 8 de março e de maneira simultânea entre Blogueiras Negras, Blogueiras Feministas e blog da Marcha Mundial das Mulheres.

No blog da Marcha Mundial das Mulheres, foram coletados sete posts no período. Dois posts chamavam leitores/as para o Ato do dia 8 de março. Das onze categorias de análise, as categorias Mulher e Trabalho, Violência Doméstica e Legalização do aborto não foram preenchidas. Foram todos os posts: Feministas e antimperialistas: organizar el feminismo popular! (07/03); Em marcha até que todas sejamos livres! 4ª ação internacional da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil (06/03); 8 de março de 2015: Feminismo em marcha para mudar o mundo! (06/03); Dia de busca por mais direitos efetivos (04/03); Estupro não é roteiro de stand-up comedy (04/03); Promotoras Legais Populares da Zona Sul e militantes da Marcha Mundial das Mulheres realizam atividade feminista no Jd. Miriam (03/03); A campanha continua: reforma política, só com Constituinte! (01/03); Família não é sangue, é sintonia (25/02). Os temas mais comentados estavam ligados a reflexão sobre a atual luta feminista.

No blog Blogueiras Feministas, também foram coletados sete posts. Não houve nenhum post chamando para o ato do dia 8 de março. Das categorias de análise, cinco posts se enquadraram em quatro categorias: Estupro/Violência Sexual; Violência Doméstica; Legalização do aborto; Reflexões sobre a luta feminista. Foram todos os posts coletados: Dia Internacional da Mulher – A pergunta prevalece: comemorar o quê? (06/03); Chacotas de Danilo Gentili contra mulher serão julgadas em Olinda (04/03); Direito ao livre aborto na Suécia: 40 anos de lutas e mitos derrubados (02/03); Fragmentos lúdicos sobre aborto (27/02); O BBB e a responsabilidade de evitar uma gravidez (26/02); O rock das garotas que gritam: violência doméstica, não sou obrigada! (25/02); Voz de Menina (24/02). O tema mais comentado foi aborto.

No Blogueiras Negras, foram coletados dez posts. Não houve post chamando para o ato do dia 8 ou lembrando a data, apesar de um dos posts ser sobre a criação de um movimento que marcou presença no Ato 8 de março, o Marcha das Mulheres Negras 2015. Das categorias de análise, três posts se enquadraram em três categorias: Racismo, Reflexões sobre a luta feminista e Violência contra mulher nas universidades. Foram todos os posts coletados: As Novas baianas – mulheres negras na música (07/03); Qual é a sua desculpa? (06/03); Juntas somos mais fortes (05/03); Negra sim e com orgulho (04/03); Nossos corpos incômodos (03/03); Mulheres Negras em Marcha – Axé Nkenda (02/03); Carta aberta ao governador Rui Costa, da Bahia (27/02); Reinventar-se – um exercício diário da pessoa

negra (26/02); “Uma típica menina negra”: Negras e Universitárias (25/02); Alice Walker e a Cor Púrpura – drama atual (24/02). O tema mais postado foi o Racismo.

Sobre a ida ao campo no Ato 8 de março, o evento foi marcado para as onze horas da manhã, na Avenida Paulista, na altura do Teatro da Gazeta, percorreu também a Rua Augusta, Rua da Consolação, e terminou em frente à Praça Roosevelt. Segundo informava a página de Facebook “Ato 8 de março”, criada pela Marcha Mundial das Mulheres, o Ato era organizado por “Nós das organizações feministas, do movimento popular, negro, lésbico, sindical, juventude e partidos de São Paulo”.

Durante a marcha, movimentos sindicais e ONGs, ligados ao feminismo ou não, distribuem seus panfletos e jornais. Dos movimentos que estavam presente com cartazes, faixas e camisetas, registrei a presença de: Frente de Luta por Moradia; Central dos Sindicatos Brasileiros; Central Única dos Trabalhadores (CUT); Secretaria da Mulher Trabalhadora (secretaria da CUT – SP); Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB); Mulheres em Luta (frente feminista do Conlutas); Levante Popular da Juventude; Marcha Mundial das Mulheres; Mulheres com deficiência sempre na luta; Marcha das Mulheres Negras 2015; Mulheres Ambulantes de SP; Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região; União Brasileira de Mulheres (UBM); Católicas pelo direito de decidir; militantes dos partidos políticos PT, PSTU, PSol e PCdoB.

Dos conteúdos registrados em anotações e fotografias: “Falta de água é desgoverno dos tucanos”; “A natureza não é mercadoria, as mulheres também não”; “A nossa luta é por respeito. Mulher não é só bunda, é peito”; “Pela desmilitarização dos nossos corpos e territórios”; “Mulheres Ambulantes na correria pelo direito de trabalhar”; “8 de março – Dia internacional de luta das mulheres. Nenhum retrocesso: mais direitos para todas”; “A contrarreforma política do congresso é retrocesso”; “O Estado laico é sagrado! Aprenda, congresso”; “Aparecida discriminada, causa aborto”; “Mulheres livres e iguais em cidades seguras, sem violência!”; “Rigor na Aplicação da Lei Maria da Penha”; “Autogestão e reforma urbana já”; “Luta em defesa das mulheres ambulantes é contra violência policial do Rapa”; “Constituinte já para mudar a vida das mulheres!”; “Contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver”; “Secretário: cadê os 5 centros de referência para os Autistas?”; “Eu aborto; Tu abortas; Somos todas clandestinas”; “Trabalho, sexo, corpo e maternidade: nós decidimos”; “Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”; “Nem a terra, nem as

mulheres são território de conquista!”; “Viver sem violência é um direito das mulheres”; “Nem polícia, nem Igreja. Mulheres decidem”; “Fora Joaquim Levy. Por outra política econômica”; “Somos Sereia do Cantareira. Governador Alckmin (PSDB), cadê nossa água”; “Basta de violência contra a mulher. O machismo mata”; “Eu já fui violentada”; “Não a criminalização das Mulheres”; “As que lutam vivem sempre”. Todas as categorias de análise foram preenchidas e o tema principal da marcha foi: Mulher e Trabalho; Discriminação racial; Aborto e dois temas não previsto nas categorias: Estado laico e Saúde e mulher. Foi muito forte também nas ruas pautas ligadas ao governo de Geraldo Alckmin (PSDB) no estado: crise hídrica e direito à moradia em São Paulo.

## **Conclusões**

Assim como a marcha de rua do Ato 8 de março aconteceu em blocos representando bandeiras específicas de cada grupo de mulheres dente do feminismo, o feminismo manifestado no ambiente das redes sociais na internet também parece estar dividido em “blocos”: enquanto o assunto que mais apareceu no Blogueiras Feministas foi o ‘aborto’, no Blogueiras Negras o assunto mais postado foi o “racismo” e no blog da Marcha Mundial das Mulheres o assunto em voga foi a reflexão sobre a atual luta feminista. Observou-se, assim, a construção de uma rede com diferentes temas, porem todos conectados entre si e relacionados com o contexto social atual do Brasil e da cidade de São Paulo. Como teorizou Castells (2013) sobre o alcance da tecnologia da comunicação para todos os domínios da vida social, a rede construída neste contexto:

(...) é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. Existe, contudo, uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia. (CASTELLS, 2013, p.11)

A data do 8 de março foi pouco ou nada comentada nos blogs coletivos Blogueiras Negras e Blogueiras Feministas. Mas a semelhança de conteúdos entre os blogs e o Ato mostra que ambos os espaços estão conectados e em sintonia. O próprio número de pessoas que confirmaram presença na página do evento no Facebook, “Ato 8 de março”, e o número oficial de pessoas que compareceram no Ato, evidencia essa sintonia: cerca de 4 mil

peças foram às ruas, segundo a Polícia, e 3.259 havia confirmado presença na página do Facebook. Esse dado nos indica algumas possibilidades: a maioria das pessoas que compareceu no Ato é a parcela da população de São Paulo que tem acesso à internet; no âmbito comunicacional, pelo menos no que diz respeito ao universo feminista no Brasil, o espaço virtual está sendo efetivo na conversa com o espaço público. Para Castells, esse diálogo entre ambos os ambientes é fator importante para o sucesso de movimentos que se estruturam na internet.

também precisam construir um espaço público, criando comunidades livres no espaço urbano. (...) precisam abrir um novo espaço público que não se limite a internet, mas se torne visível nos lugares da vida social. E por isso que ocupam o espaço urbano e prédios os prédios simbólicos. (CASTELLS, 2013, p.14-15)

Ainda sobre a ligação entre os conteúdos dos blogs e o conteúdo da marcha, a categoria “Mulher e Trabalho” não foi preenchida em nenhum dos posts dos blogs, já na marcha de rua foi um tema bastante divulgado pelas “Mulheres Ambulantes” e por cartazes que tinham os dizeres: “Trabalho, sexo, corpo e maternidade: nós decidimos”. Como mencionado nos Resultados, não esperávamos encontrar temas tão específicos nas ruas como os ligados ao Estado Laico e à Saúde e Mulher. O tema da não laicidade do Estado brasileiro talvez não apareceu no monitoramento nos blogs porque não foi considerado o blog de um movimento feminista que vem crescendo muito no Brasil, o Católicas pelo direito de decidir. Foram elas que seguraram cartazes: “Nem polícia, nem Igreja. Mulheres decidem” e “Estado Laico é sagrado! Aprenda congresso!”. Sobre o tema Mulher e Saúde, a presença de grupos representando “mulher e autismo” e “mulher e deficiência física” mostraram outro lado da luta por direitos das mulheres que também não encontramos nos blogs analisados. Logo, apesar do 8 de março ser uma data que remeta a luta das mulheres trabalhadoras e operárias, o 8 de março monitorado em 2015 mostrou que a pauta do trabalho ainda é algo muito forte nas reivindicações feministas. Mesmo quase 100 anos depois da data proposta em 1917 (BLAY, 2001), as mesmas pautas cresceram e passaram a abarcar várias identidades do que é “ser mulher” atualmente, indo além de divisão de classes e questão racial. A mulher feminista também tem diferentes crenças e diferentes condições de corpo e saúde e exige direitos específicos para essa condição.

Sobre a forte presença de temas políticos ligados ao atual governo estadual de São Paulo presente no Ato, podemos buscar paralelos nas considerações de Canclini sobre populações de grandes cidades latinas:

A metrópole cria padrões de uniformidade, remodela os hábitos locais e os subordina a estilos ‘modernos’ de trabalhar, se vestir e se distrair. Viver numa grande cidade significa para a maioria dos migrantes, não importa de onde venham, aspirar a ter uma casa própria – com pavimentação, luz e água – próximas de escolas e centros de saúde. Contudo, a homogeneização do consumo e da sociedade propiciada pelo formato comum com que esses serviços se organizam não anulam as particularidades (CANCLINI, 1996, p.101)

Assim, a bandeira por direito à moradia e direito ao centro da cidade que esteve presente por toda a marcha foi o fator homogeneizador do que é morador em São Paulo e ser de uma classe social popular paulistana, independentemente de ser homem ou mulher. Já as falas que explicavam como a violação do direito a cidade, ou o direito de “consumir” a cidade (CANCLINI, 1996), se tornava mais violenta com mulheres do que com homens, foi o fator que deu particularidade às causas feministas no ato. Como o próprio Canclini descreve, a construção social do habitar a cidade não esbarra somente em fatores econômicos, pois “Além da posição social, são notoriamente importantes o gênero e a idade” (CANCLINI, 1996, p.101). Seriam, portanto, camadas de desigualdades, em que o gênero é uma dessas camada anterior à classe social.

A conclusão final é que a rua é um espaço para lutas mais amplas, em que várias identidades ligadas ao feminismo atual se encontram (mulheres ambulantes, mulheres cadeirantes, mulheres negras, mulheres grávidas, mulheres católicas etc), já os blogs são a definição de uma identidade específica do que é ser mulher e mais focada em perfis ligados ao próprio gênero: mulheres feministas, mas que não se organizam em nenhum movimento social; mulheres feministas que militam em movimentos; mulheres feministas negras. Por fim, assim como foi verificado em outras autoras (CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS, 2009, p.114-115), blogs são ferramentas comunicacionais cruciais para o atual empoderamento das mulheres.

## REFERÊNCIAS

BLAY, Eva Alterman. **8 de março: conquistas e controvérsias**. *Revista Estudos Feministas*. v. 9, n. 2 (2001). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8643> Acesso em: 15 jan. 2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos** – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1996.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança** - movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CERQUEIRA, Carla; RIBEIRO, Luisa Teresa; CABECINHAS, Rosa. **MULHERES & BLOGOSFERA: contributo para o estudo da presença feminina na «rede»**. In: *Ex Aequo*, n19, p.111-128, n19. 2009. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/10033>> Acesso em 6 de julho de 2015.

DUGGAN, Maeve. **Online Harassment**. In: Pew Research Center. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/2014/10/22/online-harassment/> Acesso em 8 de julho de 2015.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. **O valor político dos testemunhos: os surdos e a luta por reconhecimento na internet**. *Revista de Sociologia e Política*. 2008.

GIDDENS, Anthony. **Identidade e Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GINZBURG, Carlo. **A História na Era do Google**. Conferência. In: *Série Fronteiras no pensamento – Pensar o contemporâneo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CqxP9taRUvA> Acesso em: 10 mar. 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teorias das Mídias Digitais** – Linguagens, ambientes e redes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.